



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**DESIGUALDADE SOCIAL EM BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

FERNANDA GARCIA DOS SANTOS

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

FERNANDA GARCIA DOS SANTOS

**DESIGUALDADE SOCIAL EM BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Auríbio Farias Conceição

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

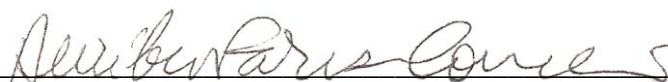
S237d Santos, Fernanda Garcia dos.
Desigualdade social em becos da memória de Conceição Evaristo [manuscrito] / Fernanda Garcia dos Santos. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição , Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Literatura contemporânea. 2. Desigualdade social. 3. Favela. I. Título

21. ed. CDD 370.1

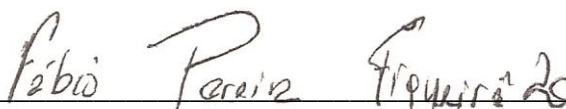
**DESIGUALDADE SOCIAL EM BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

FERNANDA GARCIA DOS SANTOS

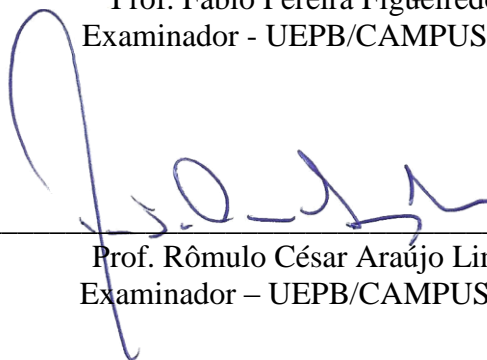
APROVADO EM: 03 de dezembro de 2019.



Prof. Aurílio Farias Conceição
Orientador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Fábio Pereira Figueiredo
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Rômulo César Araújo Lima
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

Dedico este trabalho a minha mãe (in memoriam), que durante o tempo em que aqui viveu sonhou com essa realização. A ela dedico essa conquista, com o

coração transbordando gratidão, mas cheio saudades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concebido a graça de realizar este trabalho. Por toda força, coragem e proteção durante toda a graduação. És o maior responsável por essa conquista.

Ao meu pai, Francisco Miguel, que sempre se manteve ao meu lado me incentivando e me apoiando ao longo da minha trajetória de forma incondicional. Ao senhor agradeço por dedicar a vida a mim e aos meus irmãos.

Ao meu orientador, Auríbio Farias Conceição, por aceitar a conduzir meu trabalho de pesquisa, pelas devidas correções e por demonstrar sempre muita dedicação.

A todos os professores, pelos ensinamentos durante toda a formação acadêmica.

A quem não mencionei, mas que de alguma forma esteve presente, eu agradeço de todo coração.

A todos, meu muito obrigado!

“[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade

que reconheça as diferenças que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.”

(Boaventura de Sousa San

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, uma escritora negra e mineira, com recorte na desigualdade social na relação com o racismo a partir das histórias contadas no romance. O interesse pela pesquisa parte inicialmente do impacto causado pela leitura do romance *Becos da Memória*, obra premiada da literatura negra e traz, como objetivo, indagar como são ocupados os espaços por pessoas negras na sociedade brasileira, ressaltando fatos ocorridos nas vidas das personagens citadas pela autora. À vista disso, a desigualdade social e o racismo trazem sofrimento e humilhação, porém o negro brasileiro com sua admirável vontade de superação faz com que ele enxergue o mundo com resistência, renovando a esperança que parecia está morta. Partindo do pressuposto de análises, intervenções sociais, o processo de exclusão/inclusão e desigualdade, usamos como principal base teórica os autores: Santos (2006), Sawaia (2001) e Risério (2007) que foram fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Desigualdade social; Favela.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the work *Becos da Memória* in Conceição Evaristo, a black and mining writer, with a focus on social inequality in relation to racism from the stories told in the novel. The interest for the research starts initially from the impact caused by the reading of the novel *Becos da Memória*, an award-winning work of black literature, and aims to investigate how spaces are occupied by black people in Brazilian society, highlighting facts that occurred in the lives of the characters mentioned by author. In view of this, social inequality and racism bring suffering and humiliation, but the Brazilian black man with his admirable will to overcome makes him see the world with resistance, renewing the hope that seemed dead. Based on the assumption of analysis, social interventions, the process of exclusion / inclusion and inequality, we use as main theoretical basis the authors: Santos (2006), Sawaia (2001) and Risério (2007) who were fundamental for the development of this work.

Keywords: Contemporary literature; Social inequality; Shanty town.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 MEMÓRIA: REVISITANDO BECOS DE NOSSA HISTÓRIA | 10 |
| 2 DESIGUALDADE SOCIAL: BECOS DA HISTÓRIA PRESENTE | 13 |
| 3 BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO | 16 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 23 |
| REFERÊNCIAS | 24 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar como no romance *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo se apresenta a desigualdade social, e mais especificamente a vida da população negra. Procuraremos identificar aspectos que apontem a desigualdade social no romance através de recordações contadas pelas personagens. Inicialmente apresentaremos a autora e em seguida a obra.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte em 1946 e reside no Rio de Janeiro desde a década de 70. De modo particular, Evaristo se diferencia no contexto cultural afro-brasileiro contemporâneo e participa de forma ativa dos movimentos negros em nosso país.

Desde os anos de 1990, a autora vem mostrando ao público leitor uma literatura que parte do poema ao conto e do conto para o romance. Obras poéticas marcadas por vários tipos de assuntos. A princípio se evidencia fatos que fazem denúncias e trazem lembranças, sejam elas afetivas ou étnicas, corroborando acontecimentos pessoais e histórico-sociais e mostrando as mais diversas religiões existentes no Brasil com o objetivo de manifestar como realmente é a cultura dos afrodescendentes, que incansavelmente buscam a aceitação em uma sociedade que os exclui e que ressalta cada vez mais o preconceito em relação a cor. Consequentemente, os contos de Evaristo são ocupados por favelas.

Suas narrativas transpõe para a literatura uma inquietação que diz respeito à vivência de pessoas que estão sempre submetidas as mais variáveis peculiaridades. Fazem parte do cenário, barracos, delegacias, becos, onde tudo acontece, pessoas excluídas de toda uma sociedade, deixando claro aos leitores qual a cor da pobreza no Brasil. Seus romances associam a denúncia social a um fardo catastrófico, que apresenta não só a vida de forma triste, de seres marcados por traumas, mas também de pessoas sonhadoras, cheias de lembranças.

No romance *Becos da Memória* percebe-se que é impossível esquecer toda a vida e a trajetória dos negros no Brasil. O negro foi impedido de está no seu próprio espaço e em grupo por uma sociedade escravista. Além disso, depois da abolição da escravidão, o negro não teve direito a trabalhar, a um lar, muito menos a uma alimentação digna. Desse modo, ele foi excluído das condições sociais da sociedade brasileira, se mantendo em situações de marginalidade.

A partir da análise da obra, como já citado, observamos que a visão sobre os negros, historicamente registradas de forma oficial, foi criada pelos europeus e não corresponde à realidade, visto que a identidade é livre e está em constante mudança. Verifica-se também na

narrativa que as histórias sempre são contadas por uma pessoa mais velha que alimenta imaginário jovem. Dessa forma, os fatos passados reaparecem na contemporaneidade explicando várias situações do dia a dia, isto é, relatos sobre os negros nas senzalas e em seguida nas favelas e a correlação entre as duas. A autora em toda a obra ressalta essa situação, sendo ela representada por uma pessoa mais velha (Tio Totó), e uma mais nova (Maria Nova), na qual aparecem com frequência no decorrer do enredo.

Portanto, ao lermos *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, percebemos que a narrativa nos leva a refletir sobre o lugar da população negra na pirâmide social e na necessidade do reconhecimento do negro em uma sociedade marcada pela diferença. Desse modo, a maneira como a autora relata o contexto do negro na obra pode ocasionar mudança na forma de enxergá-lo, desconstruindo diversas visões discriminatórias, muitas das quais apresentam rejeição à cultura e religião dos povos de matriz africana.

1 MEMÓRIA: REVISITANDO BECOS DE NOSSA HISTÓRIA

Diversos autores, dentre eles Risério (2007) relatam que após a abolição da escravidão no Brasil a população negra dita liberta, acrescentando-se a essa seus descendentes, se vira então em um estado precário e de extrema pobreza. Era praticamente impossível reverter a situação na qual se encontrava, uma vez que vivia em completo abandono do estado. Por ocupar a posição de nível mais baixo na hierarquia social, por não ter trabalho e sustento e por ser, na maioria, analfabeta, associava-se cada vez mais a essa população o preconceito relacionado também com a incapacidade intelectual.

Com o passar do tempo, uma alternativa para aqueles que queriam vencer o entrave que os impedia de chegar a classe média, seria buscar maneiras de construir uma espécie de ligação com a elite. Era o que foi chamado de embranquecimento. Dentre diversas estratégias, usavam algumas como vestir-se semelhante ao branco, assumir comportamentos semelhantes. No entanto, muitos negros começaram a perceber, principalmente alguns mulatos que furaram o bloqueio e se encontravam na classe média, que também tinham direitos assim como os brancos, desejando ingressar de forma competitiva no mercado de trabalho e conseguir também obter suas garantias perante a lei e na vida social e buscaram se juntar e discutir sua condição.

Os movimentos negros no Brasil refere-se a ações realizadas por pessoas que por muito tempo vêm lutando pelos direitos de uma população negra. No entanto, qualquer ação vinda de cidadãos negros, antes da chamada abolição, era considerada clandestina.

A partir de 1922, segundo Risério (2007), com a Semana de Arte Moderna, começa o movimento modernista e já está em curso algumas transformações nas mentes brasileiras que redundam na primeira revolta tenentista. Tudo se voltava para uma oscilação de paradigmas que se alavancava para arrebentar na Revolução de 1930, impulsionando os negromestiços a elaborar suas demandas. Os tenentes tinham em vista organizar, renovar o país, e se falava também em liberdade de pensamento e imprensa. Desse modo, a imprensa além de noticiar fofocas, manifestava de forma preocupante as manifestações negromestiças brasileiras.

Segundo Antonio Risério (2007), muitos negros entendiam que podiam sim “subir na vida”, mas primeiramente tinham que ter uma boa educação, cultura e saber se comportar perante pessoas e situações, ou seja, eles deviam ter uma conduta semelhante ao do branco. Era imposto ao negro que para ele se encaixar em algum grupo, ele teria que ter um bom comportamento, se mostrando um negro de princípios morais em construção. O que realmente era imperioso é que eles se apresentassem como negros “sem cultura”, sem alegria: um negro que deixou de lado seus costumes, passando a copiar e viver como os brancos.

Só na década de 1920, depois de se manterem por um bom tempo em silêncio, os negromestiços tiveram um grande progresso no que diz respeito a sua vida social no Brasil. A década de 1930 foi um momento bastante importante, foi quando ocorreu uma mudança muito significativa em relação a questões sociais. A FNB (Frente Negra Brasileira) era um movimento de negros de classe média que queria civilizar os outros negros. Para eles já não tinha negromestiços nem brancomestiços, a sociedade tinha passado por algumas modificações. Dessa forma, o integracionismo é uma espécie de vanguarda rígida do radicalismo liberal, e para que o Brasil realmente se transformasse em um país moderno era necessário “integrar” os movimentos sociais negromestiços.

Os negromestiços continuam com sua missão de apoiar a solidariedade racial. Asseguram os mesmos que são integrantes do Brasil e ao Brasil pertencem, porém devia ser inseridos na sociedade brasileira de forma igualitária ao branco, tornando assim, o Brasil um país constituído por um sistema racial democrático. Em 1968, os militares da “linha dura” conseguiram vencer um embate interno e expulsaram os mediadores do poder. Foi daí que o Brasil se tornou o país da repressão, da censura e da ditadura militar. O período em que algumas ações foram retidas e palavras praticamente impossibilitadas de serem faladas, entre

elas o racismo. Não se ouvia falar em reivindicações das classes trabalhadoras, muito menos em democracia, porém, o movimento negro não era o alvo principal da repressão militar.

No Brasil, o racismo nunca foi tão censurado e nem as culturas dos negros tão reconhecidas e enaltecidas como estão sendo hoje. No entanto, mesmo que várias mudanças venham acontecendo ao longo do tempo, a população negra ainda está muito distante de viver uma vida considerada “normal” no Brasil, pois a desigualdade sócio racial ainda continua bastante presente no nosso país.

Gustavo Forde (2015) corrobora que as desigualdades sociais são consequências do preconceito racial e do racismo e os mesmos não se consiste como algo natural, e sim, como uma formação histórica e social. Desde o princípio da vida humana, percebe-se que as pessoas não nascem subjugadas pela cor da pele, mas que ao longo do tempo se tornam negros, brancos, ricos e pobres, e isso acontece a partir de um acervo discursivo, cultural, político e ideológico que vai possibilitando representações sociais. Dessa forma, brancos e negros se constroem durante o processo de socialização desde aquilo que é falado e o que não é. No entanto, não é a diversidade racial e cultural o motivo que justifica as desigualdades entre os grupos sociais, mas a maneira como é encarada essas diferenças, sendo elas com afetos ou desafetos ou se é de interesses econômicos, dessa forma, possibilitando que a relação social possa ser vista como processos de exclusão. No século XIX, foi onde as desigualdades sociais se mostraram mais presentes, através das diferenças fenotípicas (cor da pele, textura do cabelo, cor dos olhos, etc.) utilizadas como elementos para identificar e classificar a espécie humana associando-as às diferenças intelectuais e morais. Surge também a ideia de raça como conceito científico, na tentativa de esclarecer a ideia de existência de raças superiores e inferiores. Logo a raça superior estava associada ao grupo branco europeu e a raça inferior estava no grupo negro africano. Nessa concepção, ao branco eram atribuídas várias qualidades, vistos como o civilizado. Já ao negro africano foi atribuído um conjunto de negatividades, seres incapazes de raciocinar. Diversos indícios apontam a diferença da qualidade de vida da população branca para a população negra.

Flávia Piovesan (2013) escreve: “é insuficiente tratar o indivíduo de forma genérica, geral e abstrata. Faz-se necessário a especificação do sujeito de direito, que possa ser visto em sua peculiaridade e particularidade.” Quando se discute políticas sociais, pensa-se o sujeito de uma forma abstrata retirando condições históricas e sociais que são próprias e propondo então a compreensão de sujeitos como seres humanos e não nas suas particularidades. Pensar na população negra em um país extremamente racista como o Brasil, é pensar em algumas

formas de desenvolver políticas para essa população, pois ser negro em um país racista é não poder usufruir das mesmas chances dadas à população branca.

Relata Lobato (1951) que “será impossível lutarmos pela nossa elevação social, econômica e política se não tomarmos em consideração a situação geral do povo brasileiro. Logo, ao lado de nossas reivindicações peculiares, temos de empunhar a bandeira de luta pela classe explorada.” Dentro da perspectiva de luta contra o racismo e a construção de uma sociedade altamente igualitária e que ofereça oportunidades iguais para todos, o movimento negro tem se organizado no Brasil há anos. Sua história de resistência africana e seus descendentes no Brasil se preparam desde 1538, quando o primeiro africano escravizado foi trazido para terras brasileiras. Desde então, são aplicadas diversas formas de resistência e de organização para um movimento negro unificado. Porém, ainda continuamos em uma sociedade considerada heterogênea, que apesar de ter mudado a forma de pensar do brasileiro, na verdade, a prática da desigualdade ainda prevalece e enquanto esse fato não sofre modificações sempre haverá motivos para se protestar.

2 DESIGUALDADE SOCIAL: BECOS DA HISTÓRIA PRESENTE

De acordo com dados da ONU, o Brasil em 2005 era o 8º país mais desigual do mundo. A desigualdade social no Brasil não ocorre por falta de recursos, mas pela má distribuição do mesmo.

A comparação internacional entre o grau de desigualdade de renda no Brasil e o observado em outros países comprova não só que a desigualdade brasileira é das mais elevadas em todo o mundo, mas contribui também para entender como um país com renda per capita relativamente elevada pôde manter, nos últimos 20 anos, em média, cerca de 40% da sua população abaixo da linha de pobreza (FARIA, 2000, p. 21)

Um país desigual, que vem excluindo há décadas uma grande parte da população, gerando diversos problemas que afetam as relações sociais decorrentes da pobreza. O Brasil é um país rico, mas apresenta um nível elevado de pobreza que, de fato, vem tendo poucas mudanças.

Dentre os fatores estruturais que interferem nessa situação, podemos citar: a ausência de mecanismos de distribuição de rendas através de uma estrutura tributária progressiva, falta de um amplo processo de reforma agrária, investimento em políticas sociais básicas e democratização do acesso ao poder político... (COSTA, 2005, p. 179 e 180)

O crescimento da desigualdade social no Brasil aumentou bastante nos últimos cem anos com a crise da República Velha e a queda do poder de Getúlio Vargas. A política iniciada por Vargas teve no ano de 1945 uns dos maiores declínios nos protestos populares por vários anos com imposições em combate a salários baixos, péssimas condições de trabalho, entre outros. A repressão revalidou o acesso político sócio e econômico, ocasionando por sua vez, juntamente com a crise política um desequilíbrio nas contas públicas afetando principalmente a classe mais baixa do país e, de fato, o aumento na desigualdade social.

O destino não estava traçado e o caminho não era único, ainda que o passado tenha o seu peso no presente. O Brasil foi fundado sobre o signo da desigualdade, da injustiça, da exclusão: capitânicas hereditárias, sesmarias, latifúndio, Lei de Terras de 1850 (proibia o acesso a terra por aqueles que não detinham grandes quantias de dinheiro), escravidão, genocídio de índios, importação subsidiada de trabalhadores europeus miseráveis, autoritarismo e ideologia antipopular e racista das elites nacionais. Nenhuma preocupação com a democracia social, econômica e política. Toda resistência ao reconhecimento de direitos individuais e coletivos (GARCIA, 2003, p. 9)

Portanto, compreende-se que os resultados dessa forma como o Brasil surgiu se revelam na conduta dos homens, na maneira como os fatos são interpretados por eles e reproduzidos nas suas ações cotidianas. Não deve causar surpresa o Brasil intolerante e dividido que se apresenta hoje.

Na América Latina de modo geral, houve uma década em que a economia foi resgatada. Nessa época foi possível perceber uma melhoria econômica através dos resultados obtidos em pesquisas domiciliares. Mas não demorou muito tempo para essas condições mudarem. Resultados de desaceleração na economia elevou o índice de desigualdade social e a classe pobre continuava sempre sendo a mais atingida nessas idas e vindas. Durante o Estado Novo (2ª Guerra Mundial), houve um grande aumento na concentração de renda entre os mais ricos e os pobres, uma fase que não causa nenhum espanto. Os ricos sempre foram a “elite”, estando no topo das classes sociais, separando desse modo, essa classe social do restante da população relativamente sem riquezas, uma exclusão que vem gerando conflitos entre essas classes, isto é, separando ricos dos pobres.

[...] o fenômeno de separar o outro, não apenas como um desigual, mas como um “não semelhante”, um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc., mas do gênero humano. É uma forma contundente de intolerância social. (Nascimento, 1995:25)

A exclusão é decorrente de um processo sócio histórico que continuou na história da humanidade. Dessa forma, é possível identificar a exclusão nas mais diversas situações e condições, não só econômica e política, mas também social, cultural e até mesmo institucional. A exclusão está presente nas classes sociais de níveis mais baixos, provocada por uma decadência relacionada a problemas anteriores que atingiam diferentes classes e zonas ocupadas por diversos povos. “Os excluídos povoam a zona mais periférica, caracterizada pela perda do trabalho e pelo isolamento social. Mas, o ponto essencial a destacar é que hoje é impossível traçar fronteiras entre essas zonas” (CASTEL, 2007, p. 23). Isto é, não se pode ver esse descaso somente por fatores relacionados a economia, mas que também são provocados “por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência” (SAWAIA, 2001, p. 9).

De acordo com Santos (2006), a exclusão e a desigualdade são consideradas universais e têm um significado diferenciado na modernidade ocidental, pois ambas são contraditórias às concepções de igualdade, liberdade e cidadania, e as mesmas são vistas como concepções emancipatórias.

A desigualdade e a exclusão são dois sistemas de pertença hierarquizada. No sistema de desigualdade, a pertença dá-se pela integração subordinada, enquanto que no sistema de exclusão a pertença dá-se pela exclusão. A desigualdade implica um sistema hierárquico de integração social. Quem está embaixo está dentro e a sua presença é indispensável. Ao contrário, a exclusão assenta num sistema igualmente hierárquico, mas dominado pelo princípio da segregação: pertence-se pela forma como se é excluído. Quem está embaixo, está fora. Estes dois sistemas de hierarquização social, assim formulados, são tipos ideais, pois que, na prática, os grupos sociais inserem-se simultaneamente nos dois sistemas, em combinações complexas (SANTOS, 2006, p. 280)

Santos (2006) ressalta que é no século XIX que podemos ir mais afundo em estudos sobre desigualdade e exclusão, pois foi nesse século que se fortaleceu a concentração do capitalismo e da modernidade. Ainda segundo Santos (2006), a desigualdade é um fato social e econômico e já a exclusão é sobre tudo um fato social e cultural.

O regimento ideológico que causa a desigualdade e a exclusão é o universalismo, podendo apresentar duas formas que se contradizem: o universalismo antidiferencialista que é quando se nega as diferenças, e o universalismo diferencialista que tenta acabar por completo as diferenças.

O universalismo antidiferencialista opera pela descaracterização das diferenças e identidades, absolutizando uma delas e ignorando as demais; por essa via, reproduz e intensifica as hierarquias que existem entre a diferença que é absolutizada e todas as outras. O universalismo diferencialista opera pela intensificação abstracta de várias diferenças ou identidades, perdendo de vista os fluxos desiguais entre elas. Se o primeiro universalismo permite a desigualdade e a exclusão pelo excesso de semelhança, o segundo permite-as pelo excesso de diferença (SANTOS, 2006, p. 283-284)

É preciso que se compreenda o direito que se tem mesmo que haja diferença, caso contrário, estaria conservando as desigualdades, já que a mesma só é vista como uma diferença. Segundo Santos (2006, p.313), “temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

Considerado uma espécie de dispositivo ideológico, o universalismo antidiferencialista foi usado pelas políticas liberais e estatais como base principal para conceituar cidadania e direitos humanos. No entanto, o universalismo diferencialista foi solicitado em tempos de crises ou em um momento falho do universalismo antidiferencialista.

Estas políticas representam o máximo de consciência possível da modernidade capitalista na luta contra a desigualdade exclusão/segregação. Os princípios abstractos da cidadania, dos direitos e do assimilacionismo têm no Estado a sua instituição privilegiada. Ampliando o argumento de Poulantzas (1978) que considerava ser função geral do Estado assegurar coesão social numa sociedade dividida por classes, entendo que o Estado capitalista moderno tem como função geral manter a coesão social numa sociedade atravessada pelos sistemas de desigualdade e exclusão (SANTOS, 1995b). (SANTOS, 2006, p. 284)

Portanto, as políticas que eram desenvolvidas em torno da desigualdade tinham em vista apenas mantê-la inclusa nos padrões de inferioridade, ou seja, iria continuar da maneira que estava. Quanto á exclusão, sua função era determinar entre os mais variáveis tipos de exclusão quais seriam as causas apontadas para separar os grupos de acordo com as classes sociais que cada um pertence.

3 BECOS DA MEMÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Evaristo em *Becos da memória* relata a vida de muitas pessoas consideradas “invisíveis” que moram nas favelas do país e que perderam seu espaço. Nessa narrativa, a autora propõe reflexões para os dias atuais e a importância que o negro tem para a

formação do país e da sua identidade, resgatando através de memórias, fatos históricos, alertando-nos para com os problemas antigos que ainda continuam presentes na nossa realidade, de tal maneira que só a habilidade com a ficção consegue desenvolver. O romance, apesar da dramatização, não perde a delicadeza do modo de vida das pessoas que saíram da senzala para ocupar lugares considerados modernos.

Esta relação de favela e senzala se mostra no romance de duas maneiras. A primeira quando é relatada por pessoas mais velhas a forma como viviam sua infância no tempo da escravidão, suas vidas nas senzalas. A segunda, de forma mais presente no romance, é quando a ligação da senzala com a favela se modifica nos becos onde as condições de vida de seus moradores eram bastante precárias. Deste modo, é daí que o passado colonial e escravista ainda continua evidente nas vidas dos descendentes de escravos até hoje, de um modo tão desigual.

O romance *Becos da Memória* de Conceição Evaristo foi escrito ainda no final dos anos 1980. É narrado a partir das dificuldades de uma comunidade (favela) que é ícone de exclusão. Totalmente exposta à miséria, a favela passava por um processo de políticas públicas destruidoras: o desfavelamento, a expulsão e destruição de um espaço histórico na vida das personagens. A autora utiliza sua própria experiência para descrever os dramas da protagonista, Maria Nova. Logo de início percebemos que Maria nova narra a história a partir das suas memórias. Afirma Maria Nova:

Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira entre o barraco e o barranco, com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. (EVARISTO, 2017, p. 15).

Nesse pequeno fragmento, observa-se que Maria Nova afirma que se trata de memórias e recordações voltadas a sua infância lembrando pessoas, lugares, histórias e até mesmo curiosidades que residiam no seu passado, trazendo sempre recordações dos becos da favela. Uma única memória era suficiente para trazer lembranças e características das pessoas e como elas viviam toda história contada, havia sentimento, atingindo sempre o lado emocional da jovem. Desse modo, vale ressaltar:

“Os miseráveis precisam acreditar que eles têm Deus ao seu lado!” Foi isso que o homem pensou na noite em que viu jogarem um homem morto no rio. Noite em que ele não conseguira dormir pensando no acontecido e também revivendo a história de um bisavô que ele nem conhecera. A perna ferida, e a vida agredida do velho. O mesmo pensamento voltou naquele instante, uns dez anos depois, enquanto caminhava com os outros apressados e raivosamente para a casa do Coronel Jovelino. (EVARISTO, 2017, p. 59-60).

Nessa passagem a narradora faz um recuo ao expressar uma das suas recordações, no qual um acontecimento de anos atrás voltou a perturbar seus pensamentos fazendo naquele momento que ela revivesse uma história do passado. Várias outras histórias terão origem a partir de memórias de uma vida pautada em perdas das personagens Maria Velha e Totó. Em vista disso, vale destacar:

Maria-Velha, mulher dura [...], era a terceira mulher de Tio Totó. Quando encontrou o homem, ela também já tinha uma larga e longa coleção de pedras [...]. Maria Velha e Tio Totó ficavam trocando histórias, permutando as pedras da coleção [...]. As pedras pontiagudas que os dois colecionavam eram expostas à Maria-Nova, que escolhia as mais dilacerantes (EVARISTO, 2017, p. 29-30)

Tanto Maria Velha e Tio Totó haviam passado por uma vida amarga e estavam inconsoláveis. Tio Totó, filho de escravos que morreram em um surto de tuberculose. Totó sempre tinha passagens da sua vida para contar a Maria Velha, acontecimentos que marcaram muito a sua vida. Relatava seu sofrimento e tudo que já havia passado ainda traziam muita dor. “A vida passou e passou trazendo dores” (EVARISTO, 2017, p. 20)

Diversas personagens integram as histórias da favela, mulheres independentes, mães solteiras. No romance não mostra em passagem alguma a presença de um pai, um fato que acompanha a maioria das famílias negras e pobres do Brasil. O romance “Becos da Memória”, relata algo desse tipo através da personagem Ditinha, mãe solteira de três filhos e que ainda cuidava de seu pai paralítico e sua irmã. Ela tinha que trabalhar para o sustento dos seus filhos e do seu pai como doméstica na casa de pessoas nobres e se desesperava ao ver a casa da sua patroa em comparação ao que ela via e vivia quando chegava no seu barraco.

Mesmo quando há inclusão no mercado de trabalho não são atendidas as necessidades básicas dos indivíduos. O que acontece com Ditinha é o mesmo que aponta a Prof. Dr^a. Denize Sepulveda, como uma situação recorrente na sociedade brasileira chamada por ela de inclusão perversa. A intervenção em definir os preços no mercado de trabalho caracterizou-se pela restrição da política salarial. No entanto, foram incluídas várias regras comprovadas no setor público e logo depois também no poder privado em relação ao salário mínimo e aos negócios coletivos. Essa política salarial seria para todos um descaso com a desigualdade social, já que seus resultados seriam baixos para o crescimento de renda que acabaria provocando o aumento de desemprego prolongado. Porém, ela não foi a única decisão que favoreciam somente os ricos, a reforma tributária aumentou a arrecadação, tendo um bom resultado e assim, reduzindo o déficit público, tornando a desigualdade mais acesa e

persistente “[...] agora- e significativamente- no momento em que o neoliberalismo se torna vitorioso por toda parte, as desigualdades aumentam e parecem permanecer” (Nascimento, 1995:24)

A situação crescente de desigualdade causava enormes transtornos na vida de Ditinha, ela tinha que lidar com o seu próprio cansaço, com as más condições de saneamento básico da favela, com ausência do Estado em relação à saúde na comunidade e outros aspectos decorrentes de uma vida precária.

Ditinha estava cansada, humilhada. Olhou seu barraco, uma sujeira. As roupas amontoadas pelos cantos. Olhou as paredes, teias de aranha e picumãs. Um cheiro forte vinha da fossa. Era preciso jogar um pouco de cal virgem sobre as bostas. Esperou as crianças um pouco mais. Não chegaram. Tirou o pai da cadeira de rodas e colocou na cama. O pai fedia a sujeira e cachaça. Lembrou-se da patroa tão limpa e tão linda com as joias. Pensou que o dia de amanhã seria duro. A casa estaria de pernas para o ar depois da festa. (EVARISTO, 2017, p.103-104)

Isso provocava aflição ao mundo de Maria Nova, que além de vivenciar as péssimas condições de vida das pessoas da favela ainda acompanhava histórias de violência doméstica. Era o que acontecia com as personagens Fuizinha e sua mãe. Maria Nova lamentava o que Fuizinha estava passando, a menina com idade próxima a dela sofria agressões sexuais pelo pai que a deixava presa em casa privando-a de ter contato com outras pessoas. O Hábito da mãe de Fuizinha ser espancada causava tristeza na vida dela.

Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado usava a própria filha. (EVARISTO, 2017, p. 79)

Esse era mais um episódio que marcava a infância de Maria Nova. Tinha também o caso de Custódia, que era vítima da sua sogra, Dona Santina, que tinha como disfarce a sua suposta vida religiosa. “Custódia divisava somente o livro, aquele ponto preto ali na sua frente. Dentro da Bíblia estava escrito assim: ‘E tu, mulher, parirás em dores!’ O ventre dela doía. Havia parido, alguns dias antes, seu bebê de quase sete meses. Parido entre dores e à força.” (EVARISTO, 2017, p. 82-83).

Maria Nova tinha um sentimento muito forte por vó Rita, uma mulher considerada de “coração grande”, um exemplo na favela e na vida de Maria Nova, por quem todos eram gratos. Mesmo já velha, vó Rita, juntou-se a personagem chamada na narrativa de “a Outra”,

despertando bastante a atenção e curiosidade de Maria Nova. “Vó Rita dormia embolada com ela. E quando eu via Vó Rita, minha curiosidade ardia. Eu olhava para Vó Rita de cima a baixo. Procurava alguma marca, algum vestígio da Outra em seu rosto, em seu corpo. Nem uma marca, nem um sinal.” (EVARISTO, 2017, p. 27). Maria Nova, com sua curiosidade, sentia-se na obrigação de se aproximar da Outra, aquela situação era nova para ela, um enigma que precisava ser desvendado, no qual era uma busca incansável para ela. “Uma sombra se movimentou e quando o enigmático corpo percebeu os olhos da menina em cima de si, ela se desfez [...]. O pior era aquela menina, com seu olhar curioso, cruel, desesperado. Aquela busca incessante.” (EVARISTO, 2017, p. 43).

Diversas doenças eram desencadeadas na favela por causa das péssimas condições de vida de todos que habitavam aquele lugar, principalmente, a tuberculose. A personagem vítima dessa doença na narrativa era Filó Gazogênia, uma amiga de Mãe Joana quando iam lavar roupas nas torneiras. Por morarem no mesmo barraco que Filó, a filha que trabalhava fora e a neta que cuidava dela também foram contaminadas, mas foram imediatamente levadas para o hospital.

Deus meu, eu não quero ir assim, tão sozinha!’ Como estariam a filha e a neta? Filó Gazogênia, num esforço imenso, ameaçou abrir os olhos. Pensou, entretanto, que seria melhor continuar com eles fechados. Abrir os olhos para quê? Ela já conhecia de cor o seu barraco. Duas camas: a dela e a da filha, que dormia junto com a neta. No cantinho, o fogão de lenha e a prateleira de madeira onde estavam as latas de mantimentos vazias, as louças velhas, as canequinhas de latas e as duas panelas, uma de ferro e outra de barro. O sangue escorria pela boca de Filó Gazogênia e o peito arfava... ‘Deus. Durante toda a doença, uma das latas vazia, a de ‘gordura de côco carioca’, ficava ali parada, olhando para ela. A cada um que chegava, ela desejava pedir que tirasse a lata dali. Calava, depois pensariam que ela, além de tuberculosa, estivesse doida. De olhos fechados, viu a lata de ‘gordura de côco carioca’ e teve ódio, muito ódio. (EVARISTO, 2017, p. 107-108)

A situação daquela mulher apavorava Maria Nova que de longe acompanhava a passagem da mulher e todo seu sofrimento, o coração da menina se enxia de tristeza ao ver aquela cena, e logo pensava que aquela mulher não seria a primeira e nem a última a passar por aquela situação, vários outros já haveriam partido.

Lá estava Maria-Nova de olhos, ouvidos e coração bem abertos [...]. O peito estava a arrebentar de dor. Deus meu, Filó Gazogênia morria! Tantos outros haviam morrido também. Sentia medo, muito medo. Dos outros becos da favela, as pessoas iam aparecendo pouco a pouco. (EVARISTO, 2017, p. 111-112)

Esse é só mais um relato de tudo que acontecia enquanto ocorria o desfavelamento, acontecimentos que deixavam os moradores da favela de luto, deixando corações cheios de tristeza, ali já não havia tanta esperança. A favela já não era a mesma, tudo girava em torno da desfavelização, as condições cada vez mais se agravavam, as pessoas que tinham os seus barracos passariam alguns, a serem moradores de rua. Muitos não teriam como construir novamente seus barracos em outros lugares, de fato, se recusavam a sair da favela.

O plano de desfavelamento [...] aborrecia e confundia a todos. Havia um ano que a coisa estava acontecendo. A favela era grande e haveria de durar muito mais. Dava a impressão de que nem eles sabiam direito por que estavam erradicando a favela. Diziam que era para construir um hospital ou uma companhia de gás, um grande clube, talvez [...]. De tempos em tempos, apareciam por lá engenheiros para medir a área. Não se sabia se os pretensos donos seriam de uma companhia particular ou se gente do Governo. Vinha o medo. E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. (EVARISTO, 2017, p. 116-117)

No vídeo “Lutas e conquistas: trajetória do movimento negro brasileiro”, Gustavo Forde (2015) afirma que no decorrer da implantação da identidade nacional brasileira, tivemos diversos mecanismos que desencadearam desigualdades sociais, discriminações e opressões. Um desses mecanismos foi o uso da ideia de raça como base de exploração econômica no Brasil desde os conflitos dos escravos no período colonial. Nessa perspectiva, a concepção de raça como uma base de exploração mobilizava as relações raciais que hoje se mantem à frente de um cenário em que a cada exclusão que se faz no Brasil é negra.

Outro ponto bem marcante em “Becos da Memória” é quando a narrativa mostra as situações das escolas públicas daquela época, já que a mesma se passava no século passado quando é relatado a locomoção de Maria Nova para a escola

As crianças maiores acordavam cedo [...], trazendo nos olhos e no estômago a desesperada expectativa. Será que hoje tem pão? Os menores, os nenéns brigando com a vida, dando socos no ar exigindo o peito da mãe ou a mamadeira completada com mais água, sempre. Algumas crianças se levantavam e tomavam o rumo da escola. Poucos, muito poucos, iam todos os dias. A escola os inibia. Bom, na escola, era a merenda que a gente comia. (EVARISTO, 2017, p. 168)

Essa é mais uma das descrições de personagens e histórias que Maria Nova relatava com tristeza e dor, sua infância era marcada por uma vida difícil que além da dela ainda presenciava a de todos que moravam ali na favela. “A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho gasto.

Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e fogo” (EVARISTO, 2017, p. 76). A vida muito contrariava a menina, tão jovem e já teria atravessado várias situações que não pertencia a ela, mas a todas as pessoas que moravam na favela e que passavam por o transtorno do desfavelamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise da obra *Becos da memória*, percebemos que existe uma discussão em relação à identidade negra, resgatando a sua cultura, dando-lhes liberdade e desprendendo-os da ideia de um ser invisível, de conceitos racistas que no decorrer da história sempre vem menosprezando e diminuindo de alguma forma a sociedade negra. A autora relata a vida precária de pessoas afrodescendentes trazendo questões que não podem ser esquecidas, como a fome, a falta de trabalho e, além disso, o medo de perder as moradias.

Diante disto, fica visível compreender que a desigualdade social e como decorrente desta, a pobreza, transparece muito as ações que determinam a forma como pensam e organizam uma sociedade contemporânea. Mesmo com uma noção de mundo em relação à desigualdade e a inúmeros fatores que favorecem a mesma podemos perceber que o preconceito, racismo entre outros sempre se desencadeiam de atitudes e comportamentos de classes dominantes e discursos dominantes.

Por essa razão, ao final deste trabalho consideramos prudente comentar que preferimos adotar o termo negro em relação aos descendentes de matriz africana, uma vez que afrodescendente, negromestiço, permitem leituras mais próximas da ideia de mestiçagem. Aqui nos aproximamos de Djamila Ribeiro (2019) que afirma: “Falar a partir das mulheres negras é uma premissa do feminismo negro, como nos ensina Patrícia Hill Collins, sobre a necessidade dessas mulheres se autodefinirem, assim como fez Lélia Gonzales ao evidenciar as experiências de mulheres negras na América latina e Caribe” (p.34). Consideramos que a autodefinição é importante nas lutas contra o racismo e nas lutas para que o estado brasileiro crie políticas públicas para atender a população negra, que historicamente ocupa o degrau mais baixo na pirâmide da desigualdade social.

REFERÊNCIAS

- CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: _____; WANDERLEY, Luiz Eduardo W.; WANDERLEY, Mariangela Belfiore. **Desigualdade social e a questão social**. São Paulo: Educ, 2007.
- COSTA, L. C. da. Pobreza, Desigualdade e Exclusão Social, in: **Sociedade e Cidadania desafios para o século XXI**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2005.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. -3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FARIA, V. E. Brasil: Compatibilidade entre a estabilização e o resgate da dívida social, in **Pobreza e Política Social**. CADERNOS ADENAUER, nº 1. São Paulo: Fundação Konrad Adeunauer, 2000.
- GARCIA, R. C. **Iniquidade Social no Brasil**: Uma aproximação e uma tentativa de dimensionamento. IPEA (texto para discussão). Brasília, agosto de 2003.
- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- LUTAS E CONQUISTAS: TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO. Gustavo Forde. **Youtube**. 28 Jan. 2015. 37min26s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kkalG47cTKc&t=6s>>
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. **Modernidade ética**: um desafio para vencer a lógica perversa da nova exclusão. Proposta, (65), Junho 1995, FASE, Rio de Janeiro.
- PIOVESAN, Flávia. **Direitos Humanos e os Direitos Constitucionais**. -14. Ed., rev. e atual. São Paulo, 2013.
- RIBEIRO, Djamila: **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- RISÉRIO, Antonio. **A utopia brasileira e os movimentos negros**. – São Paulo. Ed 34, 2007.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.
- SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- SEPULVEDA, Denize. **Exclusão social e inclusão perversa**: tecendo algumas considerações. Tese (Doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação (Proped) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.